



CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA

TÂNIA CRISTINA FERREIRA DE MACÊDO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO:
RELATOS DE UMA HISTÓRIA FELIZ

GUARABIRA

2014

TÂNIA CRISTINA FERREIRA DE MACÊDO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO:
RELATOS DE UMA HISTÓRIA FELIZ

Relatório de Estágio Supervisionado
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Estadual da Paraíba
– UEPB – Campus III, para a obtenção do
grau de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Profa. Dra. Marisa Tayra Teruya

GUARABIRA - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M141r Macêdo, Tânia Cristina Ferreira de
Relatório de estágio supervisionado [manuscrito] : relatos de uma história feliz / Tania Cristina Ferreira de Macêdo, - 2014, 33 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014. "Orientação: Marisa Tayra Teruya, Departamento de História".

1. Aprendizagem. 2. Ensino de história. 3. Estágio supervisionado. I. Título.

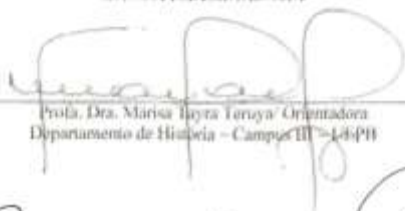
21. ed. CDD 981

TÂNIA CRISTINA FERREIRA DE MACÉDO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO:
RELATOS DE UMA HISTÓRIA FELIZ.

Aprovada em 12 de março de 2014

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria Inez Torres Orientadora
Departamento de História - Campus III - UEPB



Prof. Dr. Waldemar Ferreira Chagas Examinador
Departamento de História - Campus III - UEPB



Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa Examinador
Departamento de Geografia - Campus III - UEPB

*Dedico este trabalho aos meus pais, Maria José e Severino
pelo incentivo, paciência e amor.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha existência, por ter me capacitado e abençoado na efetivação e elaboração deste trabalho.

Aos meus pais, principalmente minha mãe Maria José pelos conselhos, palavras de amor e apoio.

Agradeço aos amigos mais próximos, pelo carinho, também à professora Severina, Sandeilson, Renata, Joanne e Aline meus companheiros de PIBID.

À Marisa pela atenção e orientação e aos professores examinadores, pelo privilégio da companhia e experiência.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
APRESENTAÇÃO.....	8
CAPÍTULO II - O INÍCIO DE UMA BOA HISTÓRIA “O ESTÁGIO SUPERVISIONADO”.....	14
O componente Estágio Supervisionado	14
CAPÍTULO III - RELATÓRIO I: OFICINA REALIZADA NO SÍTIO VIOLETA - ARAÇAGI/ PB	16
Acerca do vivido.....	20
CAPÍTULO IV - UMA HISTÓRIA MAIS FELIZ AINDA: O PIBID.....	21
CAPÍTULO V- REGÊNCIA “O ENSAIO DA DOCÊNCIA”, UMA HISTÓRIA DE FELICIDADE MÚTUA	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

APRESENTAÇÃO

O presente relatório de Estágio Supervisionado descreve as atividades realizadas no âmbito do componente Estágio Supervisionado Obrigatório II (ESO II), do curso de Licenciatura Plena em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, no ano letivo 2013.

Apesar de ter sido um período bastante turbulento em virtude de uma longa greve docente da UEPB, contra a precarização da instituição, e que acarretou no choque com o período letivo das escolas do ensino básico, o estágio aconteceu, e em dois formatos: o de oficinas, realizada na EMEF Olívio Maroja, no Assentamento Maria Preta, município de Araçagi (PB), e de regência, que foi realizada na EEEFM Monsenhor Emiliano de Cristo (Polivalente), no Bairro Nordeste II, Guarabira (PB). E inclui-se ainda a experiência obtida nas oficinas efetuadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Para um melhor entendimento o trabalho está organizado em cinco capítulos: no primeiro encontra-se o “Memorial”, no qual enfatizo minha vida estudantil, as dificuldades e batalhas enfrentadas para poder estudar. No segundo capítulo “Primórdios de uma História Feliz... O Estágio Supervisionado” discorro sobre o componente curricular Estágio Supervisionado, os textos discutidos, o que cada um trazia como conteúdo e da importância do estágio no seio acadêmico e profissional. No terceiro capítulo “Um Dia Feliz... Relatório I: Oficina realizada no sítio Violeta - Araçagi/PB” foco nos relatos da oficina pedagógica executada no sítio Violeta, na zona rural de Araçagi, bem como o trajeto percorrido e também a experiência adquirida. Já o quarto capítulo “Uma História mais feliz ainda: O PIBID” trago priorizada a experiência de tê-lo vivido, conto o que é, como funciona e a minha participação nele. E no quinto capítulo “Regência: O Ensaio da Docência, uma História de Felicidade Mútua”, abordo a regência em si, temida por muitos estudantes, mas que para mim foi muito tranquila e proveitosa. Abordo ainda os conteúdos trabalhados em sala de aula, o comportamento dos discentes e sua participação no desenvolvimento do processo de aprendizagem.

CAPÍTULO I - MEMORIAL ESCOLAR: REALIZAÇÕES E CONQUISTAS

“Quando passares por tribulações e parecer que o mar não vai se abrir não, erga tua voz clamando a Cristo, Ele te envolverá numa esfera de adoração, Ele te guiará por águas tranquilas e te envolverá numa esfera de adoração...”

TON CARFI e DANIELA ARAÚJO (Clame ao Pai).

Me chamo Tânia Cristina Ferreira de Macêdo, nasci no dia 10 de novembro de 1991 em Guarabira – PB. Sou filha de Severino Ferreira de Macêdo e Maria José Eloy de Araújo. Durante toda a minha vida morei na zona rural de Araçagi. De família humilde, aprendi desde cedo o valor que as coisas têm, tendo pais agricultores que não tiveram condições de continuar estudando, mas que fizeram o possível para que eu tivesse a chance de ter uma história diferente da deles, fui a única da minha geração a respirar novos ares. Sou a mais velha de três irmãos.

Aprendi o quanto é importante trabalhar, ter uma profissão. Amadureci cedo, pois meus pais me cobravam muito, queriam que eu terminasse os estudos e começasse a trabalhar logo para ajudar nas despesas de casa. Para ser sincera, não entendia bem o que acontecia, só com o passar do tempo entendi que toda aquela cobrança era necessária para que eu me tornasse o que sou hoje; eles não queriam que eu tivesse o mesmo destino que eles por não estudar, queriam que a filha se tornasse “alguém” na vida.

Quando criança ia para a escola num sítio vizinho ao meu, acompanhada da comadre de mãe, responsável por me levar e trazer. Ela era a cozinheira do colégio, nós íamos a pé ou de bicicleta todos os dias. E o mesmo processo estudantil se deu com todos os meus irmãos.

Eu não gostava de estudar, várias vezes voltava do caminho para casa. Mas ainda na infância, tive uma professora que me instigava o interesse pela docência, Suzana, prima e professora do fundamental I. Ela me fazia sua assistente, pedia que copiasse e

corrigisse tarefas de turmas de pré, tudo isso me deixava feliz, era uma boa aluna, embora calada. A partir daí comecei a gostar de estudar, participava dos eventos da escola, das quadrilhas etc. Posteriormente fui estudar o fundamental II numa escola municipal na cidade de Sertãozinho, o ônibus passava em frente de casa, recebia material didático, tinha bons professores apesar de o ensino apresentar falhas, como reconheço hoje, como a falta de recursos do corpo escolar e de aulas diferenciadas.

Permanecendo na mesma cidade, agora em outro colégio, estadual, iniciava o ensino médio. Assim como o ensino fundamental o ensino médio estava cheio de problemas, mas o déficit total dessa vez foi a falta de estrutura física, o colégio não tinha espaço suficiente para comportar todas as turmas, várias salas estavam inacabadas, não tinha livro didático para todo mundo, a merenda muitas vezes faltava, outras vezes somente o fundamental podia lanche porque o lanche era insuficiente... Dessa forma, todo o nível médio ficava sem lanche, tendo que se virar com os fiteiros na porta da instituição, e claro, quem tinha dinheiro, o que não era o meu caso. Quanto aos professores, estes faltavam demais, deixando de cumprir carga horária e principalmente com os conteúdos. Faltavam docentes capacitados, profissionais comprometidos com a sua profissão. Pessoas que nem eram professores davam aula, professores fora da sua área ensinavam disciplinas variadas. Os conteúdos eram dados de qualquer forma, repetidos ou simplesmente deixados de lado, passados despercebidos. Contudo, em todas as festividades escolares eu estava participando: gincanas, quadrilhas, grupo de *HipHop*, *Street Dance*, Forró e Festival de Calouros, onde cantei com Vilmara, uma grande amiga, ficando em segundo lugar.

Apesar de tantas adversidades na minha vida estudantil a única disciplina que vinha sendo proveitosa era a de História, onde a professora, mesmo não atuando na sua área, nos apresentava o conteúdo de maneira compreensível. Posso dizer que no meu último ano, Laédna, a professora de História, fez valer a pena os anos anteriores de ausência de conteúdos. E por gostar da didática dela resolvi prestar vestibular. Então no ano de 2009, concluía o ensino médio e, sem estudar, fiz o Enem e logo depois o vestibular para o curso de História, totalmente desacreditada, nem imaginava ser aprovada, no entanto, fui aprovada sendo chamada na primeira entrada.

Em 2010, ano seguinte, ingressei na faculdade, onde um universo novo para mim se abria. No dia de matricular-me conheci Manuel, a primeira pessoa da minha turma

com quem tive contato, acompanhado de sua mãe. Aparentava ser tímido como eu. Momentos depois, deixamos a timidez de lado e conversamos bastante até irmos embora.

Com o início das aulas estava travada uma “batalha pela vida”, primeiro porque tinha que arcar com as despesas de *xerox* e passagens, segundo, porque iria enfrentar dificuldades para chegar à universidade. Não sabia o que fazer, meu pai dizia “deixa isso de lado, vai embora para o Rio de Janeiro, lá você tem chance de encontrar um emprego rapidamente!” Ele falava isso porque meus avós maternos moravam no Rio e por meu tio ser dono de padaria e supermercado. Para papai, esse era o rumo que eu deveria tomar. Eu chorava desesperada sem saber o que fazer, estava entre a cruz e a espada. Minha mãe me aconselhava para que continuasse e ouvindo-a, decidi caminhar com minhas próprias pernas. Após duas semanas de iniciação do curso de História recebi um convite de uma tia perguntando se eu gostaria de ajudar a filha dela na feira livre de Guarabira, não pensei duas vezes e de imediato aceitei o meu primeiro emprego, que me possibilitou o sustento em todos os sentidos. Deus havia aberto uma porta!

Contudo, existia outra dificuldade, a de locomoção, tinha que sair de casa, na zona rural, com os meus primos ou com o meu irmão de moto, fazendo chuva ou sol até Sertãozinho, para pegar o ônibus da prefeitura que levava os estudantes para a universidade e colégios particulares em Guarabira. Enquanto eu ia para a UEPB, meu irmão do meio ficava em Sertãozinho, pois estudava lá. Geralmente o horário de chegada na cidade, na volta, era 18:30h e íamos para casa por caminhos perigosos e chegávamos quase às 19:30h da noite, todos os dias.

Iniciar um curso superior foi difícil. Encontrei professores ótimos e outros nem tanto, alguns me mostraram uma realidade que eu não conhecia ajudando-me a enxergar o mundo sob outras perspectivas. Tive o prazer de conviver e aprender muito com o jeito de cada um. Demorei a assimilar várias coisas, inclusive levei certo tempo para gostar do curso. A turma 2010.1 foi um achado, tirando algumas pessoas logo no início. Vários professores reclamavam de nós pelo fato de não falarmos, mas isso ocorreu só no começo, éramos novatos, estávamos passando por um processo de assimilação e ainda não tínhamos noção do lugar que ocupávamos. Hoje, cientes de nosso lugar na história, permanecemos unidos, embora com ideias e posturas diversas.

Este mundo de possibilidades posto aos meus olhos permitiu-me mudar e crescer como pessoa e profissionalmente. Quanto à minha timidez, eu diria que se transformou em virtude, untada de silêncio e atenção que me permitem ter uma noção mais abrangente das coisas. Apanhei bastante para aprender a lidar com determinadas situações, encontrei amigos para a vida inteira, pessoas com quem aprendi lições inesquecíveis e sou muito grata a cada um pela oportunidade da convivência.

No segundo ano, 2011, percebi que precisava abrir mais o campo, daí o primeiro passo que dei foi me inscrever na monitoria de História da África dada pelo Professor Waldeci, um professor maravilhoso com quem convivi durante bom tempo. Fiz a prova, fui selecionada e comecei a monitorar suas aulas. Além da experiência da sala de aula tive o benefício de receber a Bolsa Monitoria, o que me ajudou a cobrir meus gastos e ajudar em casa. Posteriormente, participei de uma seleção para o projeto Bolsa Transporte e consegui me classificar, ganhando uma bolsa no valor de R\$ 220,00 mensais. Esta bolsa consistia em selecionar alunos com CRE bom, que pagassem transporte para chegar à faculdade e que tivessem renda igual ou inferior a um salário mínimo, levando em consideração também a distância de até 100 km da instituição. Enfrentei complicações na documentação necessária, mas consegui.

Ao final de 2011 encarei o Projeto Brasil Alfabetizado, parceria do Estado e UEPB, no qual somente os alunos universitários poderiam dar aula. Em um dia, consegui matricular vinte e cinco alunos. Semanas depois fiz o curso de letramento para poder ensinar e finalmente iniciei as aulas. Eu me deslocava de casa à noite, de moto, para ir às casas dos meus alunos mais distantes e a outra parte da turma ia assistir aulas comigo num salão religioso perto da minha residência. Essa rotina rendeu seis meses de experiência com jovens e adultos. A estrutura do projeto, embora grandiosa, foi muito falha, em organização e manutenção.

Estando em 2012, se acabara a monitoria e o Brasil Alfabetizado, mas uma nova fase vinha se aproximando, era a continuação do meu crescimento, agora com o projeto de extensão “Coisas de Negro(a), Coisas de Brasileiro(a)”, coordenado pelo professor Waldeci. O projeto visava o avivamento e valorização da cultura afro-brasileira por meio de oficinas no colégio Firmo Santino da Silva, em Caiana dos Crioulos, uma comunidade remanescente quilombola localizada na cidade de Alagoa Grande (PB). Mas não parou por aí, surgiu a oportunidade de fazer parte de um grupo no Programa

Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), parceria Capes e UEPB. Esse projeto seria uma porta para o mercado de trabalho e me proporcionaria experimentar o cotidiano escolar. Participei da seleção, entrevista e fui selecionada para integrar o grupo de quinze alunos de História.¹ O projeto teria duração de um ano.

Em 2013, com relação a outros temas de estudo, participei do mini curso coordenado pelo professor Tony Elíbio sobre “O Nordeste na visão de Gilberto Freyre” e outros escritores que trabalham a mesma temática e também, há pouco tempo, participei como ouvinte do “I Ciclo de Debates sobre História do Trabalho” do NDH-UEPB, organizado pelo professor Tiago Bernardon, com enfoque em questões trabalhistas. Recentemente, em novembro, apresentei artigo junto com Aline, Joanne, Renata e Sandeilson, meu grupo PIBID, no ENID realizado em Campina Grande.

Estou concluindo o curso de Licenciatura Plena em História. No mundo, me entendo ciente dos meus deveres e direitos, cidadã e sujeito histórico crítico. Sonho passar num concurso para professores e entrar num mestrado.

Ainda faço parte do PIBID, e já com quase um ano e meio de experiência profissionalizante no colégio Polivalente. Continuo morando na zona rural, lutando pelos meus ideais, enfrentando dificuldades com transporte, dando aula de EJA no sítio à noite, ajudando minha prima nos sábados na feira, lutando para me manter de pé e muito feliz por ter chegado onde cheguei, mesmo com tantas adversidades, já que sem estas, eu não seria o que sou hoje. Posso dizer que tudo é aprendizado, que a vida ensina, mas só aprende quem realmente quer aprender. Sei que minha HISTÓRIA não acaba aqui, muitas águas vão rolar!... Que rolem!

¹Cada curso selecionaria quinze alunos para auxiliar professores que nos supervisionariam em colégios distribuídos em Guarabira, sendo que os quinze se dividiriam em três grupos para escolas diferentes.

CAPÍTULO II - O INÍCIO DE UMA BOA HISTÓRIA “O ESTÁGIO SUPERVISIONADO”

A possibilidade não é a realidade, mas é também ela, uma realidade: que o homem possa ou não possa fazer determinada coisa, isto tem importância na valorização daquilo que realmente faz. Possibilidade quer dizer ‘liberdade’. A medida da liberdade entra na definição do homem... (Gramsci, 1984)

O componente Estágio Supervisionado

Inicialmente se faz necessário apresentar o componente curricular Estágio Supervisionado e ressaltar sua importância para a vida acadêmica e profissional. No componente, recebemos orientações que nos preparam para o estágio em si, desse modo ele é um ensaio da teoria que se concretiza na prática docente, pois permite o contato direto com o universo escolar, o que gera, através de observações e da atuação como professores, a experiência, ou seja, capacita o universitário como profissional.

O componente é oferecido nos terceiro e quarto anos de curso, no formato Estágio Supervisionado Obrigatório I e II. Iniciamos com textos teóricos ligados à área e posteriormente vem a observação das aulas nas escolas campos de estágio e após, o estágio de regência propriamente dito. No entanto, não tivemos aula de Estágio Supervisionado I em 2012, nosso terceiro ano de curso, por ausência de professor. Houve um concurso para professor efetivo, e, na expectativa da contratação do professor aprovado, ficamos praticamente todo o ano letivo sem aula. No final do segundo semestre a professora Marisa chegou para suprir a falta. A proposta que ela trouxe foi muito interessante, deu a idéia de planejarmos e realizarmos oficinas nas respectivas cidades onde alguns alunos residiam e assim aconteceu.

Embora não tenha participado das oficinas por ter frequentado este componente em outro turno, eu e Renata, no PIBID, tivemos a chance de estagiar no colégio Osmar de Aquino, numa turma de Magistério. No noturno, a responsável era a professora Luciana Calissi, que repassou nossas notas para a professora Marisa. Durante o dia, nos dedicávamos ao PIBID, ou seja, neste ano, de qualquer forma, mergulhamos na docência.

Assolado por uma greve na Universidade – com justas reivindicações -, no início de 2013, o calendário letivo no geral ficou atrasado, e em função deste fato as aulas do primeiro semestre de Estágio II foram reduzidas e os textos para leitura também. Retomando o primeiro semestre em fins de maio, nos deparamos com as escolas já em processo de finalização do segundo bimestre. Nosso recesso aconteceria no mês de setembro, uma temporada ótima para o estágio. Assim, neste período, fizemos leitura e discussão dos três textos que seguem:

GIL NETO, Antônio (org.). **A memória brinca**. Uma ciranda de histórias do ensino municipal paulistano. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: SINESP, 2008. PP. 447-454.

BITTENCOURT, Circe M. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. PP. 225-251.

GOMES, Francinete Augusto. **Relatório de Estágio Supervisionado: Reflexões e Aprendizados de uma professora em formação**. Guarabira, 2010. 34 ps.

Essas referências deram o mote para nossas discussões. O primeiro texto discutido foi o de Gil Neto, com o depoimento de uma moça que depois de dez anos volta à escola onde havia estudado, agora em posição diferente, de entrevistadora. Lá ela pode perceber as mudanças e permanências na escola, no ensino, nos padrões profissionais etc., enfim, é um outro olhar que se lança para o mesmo local. Na verdade, o texto tenta chamar a atenção para nós próprios, que voltaríamos às nossas escolas do ensino básico, e trata de mostrar o quanto mudamos continuamente, e que precisamos estar alertas para este fato, e assim, também poderemos dialogar com os vários “eus” que ocupam os espaços escolares.

O segundo texto, de Circe Bittencourt, trouxe a temática do método tradicional e inovador de ensino. As discussões se encaminharam para os nossos planejamentos, e de como, muitas vezes, somos tradicionais, no sentido do texto, mesmo nos achando inovadores! Para a autora, a noção do que seria tradicional ou inovador não está centrado no uso de linguagens, mas no lugar dos sujeitos numa sala de aula. No ensino tradicional, o professor é o centro da aula, é também o transmissor de um saber que não se preocupa com a bagagem cultural que o aluno traz para a escola. No ensino inovador, esse lugar do professor é relativizado, e apesar de ser fundamental, ele atua mais como

um articulador/coordenador das discussões, que vão sendo construídos pelos alunos, que tem seus saberes valorizados e utilizados como ferramentas para a leitura de mundo.

A terceira leitura foi o relatório de estágio de Francinete Augusto, irmã de um colega de turma e ex-aluna da UEPB. Neste relatório, estavam contidas suas dificuldades, medos, inquietações, impressões e vitórias no campo do estágio bem como testemunhava seu crescimento profissional-pessoal. Sem dúvida, este trabalho nos incentivou bastante.

Continuando as atividades, nós recebemos a proposta de fazer oficinas na zona rural de Araçagi, no sítio Violeta, onde trabalharíamos com todas as turmas do colégio, de 6º a 9º ano, o ensino médio e magistério. A turma se dividiu, formando grupos para montar oficinas que viessem a ser de interesse para cada ano, assim o trabalho seria muito mais proveitoso para todas as partes envolvidas.

CAPÍTULO III - RELATÓRIO I: OFICINA REALIZADA NO SÍTIO VIOLETA - ARAÇAGI/ PB

*Traça a reta e a curva, quebrada e a sinuosa. Tudo é preciso. De tudo viverás. (...)
Traçarás perspectivas, projetarás estruturas. Número, ritmo, distância, dimensão.
Tem os teus olhos, o teu pulso, a tua memória. Construirás os labirintos
impermanentes que sucessivamente habitarás. Todos os dias estarás refazendo o
teu desenho. Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida. (Nunes, 2009)*

A proposta de nossa oficina foi pensada com o intuito de apresentar aos alunos as percepções de grupos de outras regiões acerca do Nordeste, partindo da visão dos próprios alunos em relação à nossa região. Explorar os pré-conceitos e preconceitos existentes e como o próprio nordestino se vê diante de tantos conceitos produtores de inferioridades, de onde os próprios advêm e de que maneira chegam até nós diretamente ou indiretamente. O grupo era constituído por Arkilson, Arderis, Renata dos Santos, Roseane Lima e eu.

Já tendo sido realizada no PIBID, a proposta sofreu modificações, ou melhor, passou por um processo de reelaboração do tema, objetivos, metodologias e atividades, permanecendo apenas o foco de trabalhar com o Nordeste.² Uma vez repaginada, ganhou roupagem e significados novos. O tema que norteamos como ponto chave se concretizou em “Nordeste, sinônimo de diversidade cultural”.

Diante disto, nossa nova ocasião, foi realizada no dia 23 de agosto de 2013, no Sítio Violeta, assentamento Maria Preta, município de Araçagi, no colégio Olívio Maroja. O tempo de duração seria de duas horas e o público alvo as turmas de 8º e 9º ano do ensino fundamental II.

No dia, como combinado anteriormente em aula, nos reunimos na manhã do dia 23 em frente ao Banco do Nordeste às 8:00 horas, e saímos em três carros. Com a Professora Marisa fomos eu, Sanúbia, Renata Cavalcanti e Maria Rosiane. No carro de Paulo, Roseane Silva, Roseane Lima e Beatriz e no carro de Arkilson foram Arderis, Daniel, José Valdeir e Mayara. Enquanto nós estávamos saindo de Guarabira Renata Gonçalves, a aluna que propôs nossa ida ao sítio onde se localiza a escola, nos aguardava na Lealândia, bairro do município de Mari, de onde partiríamos juntos. De moto, ela nos guiou até o destino esperado.

Logo no início da nossa aventura vimos uma fazenda com a placa de entrada escrito o nome “Marisa”, o que achamos muito engraçado, parecia que era uma homenagem à professora, depois disso seguimos viagem tirando muitas fotos no caminho, da paisagem, dos animais etc. Paramos para abrir porteiras e também por causa da estrada ruim em vários trajetos.

Ao longo do percurso paramos num parque de vaquejada que estão construindo e entramos no casarão de uma fazenda abandonada, bastante conhecida nas redondezas. A casa está desabitada há cerca de dezesseis anos, mas mesmo assim percebemos uma arquitetura belíssima em detalhes o que nos possibilitou um momento de visitaçãõ histórica. Tiramos fotos, Paulo e Daniel ficaram brincando de “briga de galo”, a qual Daniel sofreu bastante para ganhar uma partida. É como se nesse momento tivéssemos voltado à infância!

²Ressalvo ainda, que a oficina que reorganizamos sobre Nordeste foi realizada na EEEM Monsenhor Emiliano de Cristo, o Polivalente, pelo meu grupo PIBID formado por mim, Aline, Joanne, Sandeilson e Renata, numa turma de 3º ano médio e que por sinal aconteceu de maneira proveitosa, daí surgiu a ideia de trabalhar o tema novamente.

Chegando ao colégio fomos bem recebidos por todos, dava até para sentir o cheiro do almoço que estavam preparando para nós. Imediatamente nosso grupo se dirigiu para a sala onde iríamos trabalhar a aula-oficina, organizando todo o material necessário, pois passava das 11:00 horas. Ao meio dia almoçamos, e à mesa, estava posto um verdadeiro banquete. Após o almoço, rapidamente os alunos começaram a chegar. Como a sala que ocupamos não era das respectivas turmas tornou-se preciso perguntar a cada um que entrava a que série pertencia, o diretor também nos auxiliou avisando da mudança de sala das turmas.

Todas as equipes começariam as oficinas às 13:00 horas, mas tivemos que esperar o último ônibus chegar porque os alunos que nele vinham se deslocavam de muito longe, portanto, demos início ao trabalho quinze minutos depois do horário previsto. As turmas, a princípio, me deram a impressão de serem trabalhosas, mas rapidamente essa impressão se diluiu.

Organizado tudo, iniciamos a aula-oficina com a brincadeira do fio de Ariadne³. Mas neste caso a proposta inicial era a apresentação de cada um dos presentes, inclusive a nossa, remetendo-nos ao Nordeste, falando uma palavra ou expressão específica para que pudéssemos formar uma teia de ideias alusivas ao tema. No final da dinâmica, nos apresentamos formalmente citando o que iríamos fazer na oficina e o tema a ser trabalhado na aula.

Para provocar a participação dos alunos, iniciamos com um jogo de perguntas e respostas sobre o Nordeste, perguntando se o estado é alvo de preconceitos e/ou pré-conceitos, se só tem pobreza, povo burro e sem educação. Conforme davam as respostas escrevíamos no quadro e fazíamos novas indagações a partir das falas deles, abrindo assim um debate que sucessivamente levaria à etapa seguinte da oficina, os slides.

Na primeira parte dos slides enfatizamos o Nordeste e a nordestinidade como uma construção, de acordo com a leitura que fizemos do texto “A Construção do Nordeste e outras artes” de Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Na obra, o autor destaca a memória estereotipada que o nordestino carrega consigo, bem como o conceito de região que acaba acarretando um constructo histórico que vislumbra num

³ Na mitologia grega, fora uma estratégia utilizada por Ariadne para trazer de volta, de dentro do labirinto onde estava o Minotauro, o seu amado Teseu.

discurso imagético-discursivo em relação ao Nordeste. A partir da leitura montamos slides com recortes do texto citado e assim explanamos as ideias.

Um dos nossos recortes foi a seguinte frase: “...você já viu um nordestino com 1,80m de altura e inteligente?” Essa frase causou certa inquietação nos alunos. Falaram que era possível sim e que os nordestinos eram inteligentes e talentosos, a exemplo o nosso grande Luiz Gonzaga, “o rei do baião”. Conforme perguntávamos acerca dos trechos do texto, quase sempre as respostas para as nossas perguntas eram “sim” e “não”, por falta de argumentos talvez ou até mesmo de contato dos discentes com relação à discussão em pauta.

Evocamos a mídia e indagamos como ela pode influenciar ou não na construção da imagem de uma região, estado, país ou nação, especificamente a do Nordeste. Então, partimos para as representações do Nordeste via televisão, de como os nordestinos são representados nas novelas. Remetendo-nos à novela Flor do Caribe, perguntamos aos discentes se todos os nordestinos eram iguais a “Candinho” e sua família. Imediatamente as respostas foram as mais entusiasmadas, disseram que nós não andamos com uma cabra para cima e para baixo e muito menos dormimos cedo demais e se tratando de família nem todas tem as concepções de “Dona Veridiana”, os tempos são outros e ao contrário do que muitos pensam a globalização chegou até nós. À medida que íamos apresentando alguns pontos relevantes acerca das novelas, em suas argumentações os alunos foram expressivos defendendo o nosso estado.

Na segunda parte focamos em falas preconceituosas das regiões sul e sudeste nas redes sociais, mostramos depoimentos de pessoas que inferiorizavam o Nordeste em momentos de ódio gratuito e com relação à tragédia em Santa Maria. Com a mostra de comentários finalizada os alunos se revoltaram e argumentaram sobre o que viam com um olhar de repulsa às falas de preconceito. Em seguida enfatizamos a personagem do “Bode Gaiato”, como um ser humorístico inusitado, nordestino, típico, que não é alvo de preconceitos por ser do Nordeste. Nacionalmente conhecido o Bode Gaiato está presente no facebook. Suas aventuras quase sempre demarcam o cotidiano nordestino bem como seu linguajar e nem por isso sofre represália. Todos conheciam a figura e gostaram muito da condução do conteúdo abrindo espaço para comentários constantes.

Após a discussão entregamos a letra impressa da música “Farinha do mesmo saco” de Engenheiros do Havai, a intenção era fazer com que os alunos percebessem

que o diferente é normal, que cada região é única e que por sermos justamente desse modo formamos um país diversificado em povos e culturas e que, portanto, somos farinha do mesmo saco. Tocamos a música e a interpretamos junto com os alunos.

Para intermediar a atividade seguinte nós visualizamos imagens de paraísos nordestinos. Perguntamos aos discentes se eles conheciam as paisagens, alguns responderam que sim, outros que não. Mostramos fotos de praias de João Pessoa, do Rio Grande do Norte, a Pedra da Boca, o Lageiro de Pai Mateus na Roliude Paraibana em Cabaceiras etc. Posteriormente entregamos a letra da música “Porta do Sol” de Renata Arruda, cantora paraibana que canta as belezas de João Pessoa. Antes de exibir o videoclipe ensaiamos junto com os alunos e quando tocamos todos cantaram e pediram para repetir no final da aula. Todos aplaudiram com muita alegria.

Por fim passamos a atividade final que consistia na elaboração de uma frase ou mini texto abordando um destes temas: Diversidade, Preconceito, Cultura Popular Nordestina, Turismo, Respeito às Diferenças. Pensamos em dividir a turma em grupos, mas mudamos de idéia porque o número de estudantes era grande, por isso optamos pelo trabalho individual, pedindo apenas que colocassem seus nomes e série nos trabalhos produzidos. Estes que foram colados no mural que confeccionamos e que deixamos exposto na sala de aula da escola. Atividade elaborada, concluímos o conteúdo, agradecemos a colaboração e interação de todos e nos aplaudimos. Exibimos o videoclipe pela última vez e na saída da sala fomos elogiados pelos alunos que chegaram a perguntar quando voltaríamos.

Acerca do vivido...

Esta oficina foi uma experiência única, pois proporcionou não só a mim, mas a todo o grupo a oportunidade de crescer profissionalmente, além de fazer amadurecer como ser humano através do contato com pessoas diferentes e lugares inusitados. Também pudemos detectar no cerne educacional, uma esperança para a educação brasileira onde se faz necessária a colaboração de todos. Acima de tudo o convívio com os alunos também proporcionado pelo PIBID, me fez gostar mais ainda do que faço e sair da sala de aula não só com a sensação e sim com a certeza de dever cumprido é muito gratificante. Sei que nem todas as vezes que sair de sala vou ter a mesma sensação, mas o que realmente importa é ter feito o que está ao alcance para melhorar o ensino.

CAPÍTULO IV - UMA HISTÓRIA MAIS FELIZ AINDA: O PIBID

“Aquilo que escuto eu esqueço, aquilo que vejo eu lembro, aquilo que faço eu aprendo.” (Confúcio)

O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) é um projeto encabeçado pela Capes vinculada à UEPB. Como o próprio nome do projeto já diz é um programa que dá bolsas de iniciação à docência. O objetivo é fazer com que os alunos universitários tenham um contato mais contundente com a sala de aula, observando e detectando os problemas e as possibilidades da escola, do ensino em si, além de proporcionar a experiência de acompanhar nas aulas o desenvolvimento dos conteúdos, bem como o planejamento dos mesmos e o melhoramento do ensino-aprendizagem em História. Para tanto, nas palavras de Paulo Freire:

É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende [...] (FREIRE, 2001, p.259)

No PIBID, o universitário tem a chance de sentir na pele como se dá o processo educacional nas escolas, capacitando-o para o mercado de trabalho, além disso, o projeto viabiliza o impulsionamento da carreira docente. Assim, os graduandos têm a função de auxiliar um professor do colégio escolhido, este professor vem a ser supervisor de nossas tarefas. Também temos um coordenador geral para cada curso, no nosso caso, Luciana Calissi no primeiro momento.

Ciente de nossas aquisições, sendo nós os precursores do projeto, o mesmo entrou em vigor pela primeira vez na UEPB de Guarabira no ano de 2012, mais precisamente em agosto, tendo como tempo de duração um ano. O colégio que eu escolhi para trabalhar foi E.E.E.F.M. Monsenhor Emiliano de Cristo, conhecido popularmente como Polivalente, localizado no Bairro do Nordeste II. Fazendo parte do meu grupo está Aline, Joanne, Sandeilson, Renata e a professora Severina Gomes como supervisora. A direção do Polivalente muito acolhedora e receptiva sempre esteve aberta à mudanças e nos apoiou em tudo que precisamos, nos tratavam com respeito e carinho,

parecia até que nós fazíamos parte do corpo docente da escola, além disso valorizavam o nosso trabalho e isso é de fundamental importância e também muito gratificante para um profissional em formação.

No início encontramos algumas dificuldades, principalmente em relação às turmas, relativamente do ensino médio, com as quais trabalhamos. A sondagem aconteceu no primeiro encontro, onde apresentamos o projeto e seus objetivos. Em sala dividimos as turmas em grupos distintos e perguntamos o que eles gostariam que mudasse no ensino de História, o que estava bom, o que estava ruim, como eles gostariam que trabalhássemos etc. A partir do que conseguimos extrair dos alunos começamos a nos organizar quanto à metodologia, planejamento e conteúdos. Pudemos perceber as necessidades de cada turma, bem como o perfil. Alunos que para muitos professores eram tidos como “sem futuro”, nos surpreenderam, prova disso foi um aluno chamado Leonardo que estudava o 2º ano médio, o único defeito de Leo aparentemente era a preguiça, mas numa aula sobre o “Açúcar e escravidão na colônia portuguesa”, ele provou o contrário. Anteriormente a essa aula em questão pedimos que alguns alunos trouxessem derivados da cana-de-açúcar, pesquisasse sobre, apresentasse e falasse do produto para os colegas. Leo por sua vez trouxe seu produto, mostrou para a turma e falou como se fazia. Leo deu um show e surpreendeu a todos! Então percebemos que muitos dos alunos que se mostram preguiçosos, desinteressados e distantes querem apenas uma aula diferente, comunicativa, que os instigue a pensar e criar suas próprias concepções. Dessa maneira o processo de aprendizagem se daria de forma complexa como afirma Nunes:

Aprender traz consigo a possibilidade de algo novo incorporado ao conjunto de elementos que formam a vida do indivíduo, relacionando-se com a mudança dos conhecimentos que ele já possui. Traz, também, a perspectiva de algo específico para cada pessoa, ou seja, ninguém aprende pelo outro, assim como ninguém aprende da mesma forma. Cada ser humano é singular em sua formação individual, mas ao mesmo tempo, necessita dos outros para aprender e, portanto, para constituir a si. (NUNES, 2009).

A turma de 3º ano médio mostrou-se interessadíssima, inclusive, planejamos e elaboramos uma peça teatral com ela. No tema escolhido, “A Era Vargas”, enfatizamos o rádio e sua função na época, o DIP, as músicas censuradas, artistas exilados e um pequeno trecho da carta de Getúlio Vargas, lido por um dos alunos. A peça produzida aconteceu num banco de praça, lembrando o ambiente da “Praça é Nossa”, só que

apresentada dentro da sala de mídia do colégio. Tudo isso ocorreu no final do ano 2012, onde reunimos as duas turmas para uma confraternização maravilhosa.

Para fechar o ano com chave de ouro, nós *pibidianos*, como diria meu amigo Sandeilson, fomos convidados pela turma concluinte para a formatura deles. Eu, Renata e Sandeilson viramos a sensação da noite, todos os alunos queriam tirar fotos conosco. Particularmente me diverti bastante, já nem agüentava rir, pois estava com o maxilar cansado, e até esqueci de comer. Fiquei felicíssima pelo trabalho com a turma!

Terminando 2012, tivemos somente o recesso natalino e ao fim de Janeiro de 2013 voltamos para planejar as aulas e atividades subseqüentes do projeto, lembrando que temos o papel de organizar subprojetos dentro do PIBID. A peça foi apenas o primeiro. Na primeira etapa do PIBID, Calissi pedia que fizéssemos relatórios mensais referentes às atividades efetuadas, mas nessa segunda etapa isso não se fez mais necessário, pois estávamos agora sob coordenação do professor João Bueno.

Iniciando o ano letivo nos deparamos com mudanças, o colégio poria em prática o PROEMI (Programa Ensino Médio Inovador) que seria um projeto organizado pelo governo do estado visando aulas integrais e atividades de macro-campos. Por uma questão política a escola perdeu muitos alunos, funcionando com séries a contar do 9º ano, o ensino médio e a EJA à noite.

Durante bastante tempo ficamos sem horário fixo, o que impossibilitou nosso trabalho, mas logo tudo normalizou-se. Agora o enfoque era aula-oficinas e assim o fizemos, elaboramos três aulas-oficinas, uma para cada turma do ensino médio. No 1º ano médio enfatizamos a mitologia grega, já no 2º ano médio trabalhamos os costumes no Brasil Imperial e por fim, no 3º ano médio optamos focar no Nordeste, dentro de uma perspectiva que englobasse questões de preconceitos existentes contra o estado e também como o nordestino se via enquanto tal.

Devido ao sucesso das oficinas realizadas nós transformamos as experiências vividas em um artigo que com o aval do coordenador nos rendeu um buner o qual apresentamos no III ENID/UEPB ocorrido de 15 a 18 de outubro de 2013 no campus da UEPB em Campina Grande. O III Encontro de Iniciação à Docência tinha o intuito de trazer à mostra as ações dos projetos em questão pelos professores e alunos de

instituições de Ensino Superior e da Educação Básica ressaltando a prática cotidiana, envolvendo as Ciências da Natureza, Matemática e Linguagens.

Posteriormente pensamos uma aula de campo para a cidade de Areia-PB, na qual levamos pequenas frações de alunos de todas as turmas com as quais trabalhamos. A aula de campo foi um sucesso, levamos os discentes para conhecer os principais pontos turísticos e históricos da cidade e ao final fomos ao museu da rapadura, mas não pudemos adentrá-lo por que estava fechado para almoço, infelizmente.

Contudo, já no clima de despedida elaboramos junto com a professora-supervisora um projeto de cinema que seria apresentado na Exposição de Cultura, Arte e Ciências da escola, que ocorreria em dezembro de 2013. O projeto consistia na exposição de uma sala cinematográfica que destacaria o cinema de um modo geral, desde seus precursores, primeiros filmes mundiais, nacionais, internacionais, paraibanos e guarabirenses. Os alunos confeccionaram maquetes de onde funcionavam os cinemas de Guarabira, a sala foi ornamentada com cartazes de filmes em destaque, dividida no meio por TNT preto, onde parte ficaria para a exposição e a outra para a exibição de curta - metragens. E desse modo tudo saiu perfeitamente.

Com as atividades do PIBID encerradas em quase um ano e meio, ficam as experiências, a gratidão e muita saudade de tudo e todos. Enfim, a minha experiência como *pibidiana* foi maravilhosa, pois vislumbrou mais ainda, me instigou muito mais a profissão docente. Fez-me perceber que a interação aluno-professor tem que ser uma constante dentro e fora da sala de aula, porque só assim, na minha concepção, é possível modificar o ensino fazendo um trabalho que traga satisfação para todas as partes envolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

CAPÍTULO V- REGÊNCIA “O ENSAIO DA DOCÊNCIA”, UMA HISTÓRIA DE FELICIDADE MÚTUA

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe. (Jean Piaget)

Para início de conversa é importante ressaltar que ainda estando participando do projeto PIBID resolvi estagiar nas aulas da mesma professora de História que é minha supervisora no Polivalente.

Optei pelo horário da manhã, onde todas as turmas estão presentes e escolhi três turmas com séries diferentes, ou seja, todos os anos do ensino médio, 1º “b” (30 alunos), 2º “a”(25 alunos) e 3º “a”(26 alunos). Tendo a obrigação de dar dez aulas resolvi estagiar em uma semana, apenas, melhor dizendo, em três dias. Assim iria dar três aulas no 2º ano, três no 1º ano e quatro no 3º ano. As minhas aulas foram dadas com base na coleção de livros didáticos para o ensino médio de Reinaldo Seriacopi e Gislane Campos Azevedo, pela editora Ática, utilizados pela professora, aos quais obedeci a sequência dos conteúdos, o que não me impediu de usar outros aparatos metodológicos que viabilizassem um aprimoramento do ensino-aprendizagem.

As datas foram as seguintes: 19, 21 e 22 de agosto de 2013. As primeiras aulas aconteceram numa segunda-feira, na qual dei aulas em todas as séries, uma no 1º, o primeiro horário, outra no 2º, no terceiro horário e duas no 3º, no quarto e quinto horários.

O tema trabalhado na primeira série foi “África”. Me reapresentei à turma, dessa vez como estagiária, e iniciando o conteúdo decidi entregar uma folha em branco para cada aluno a fim de apreender o que eles entendiam por África, essa atividade tomou todo o horário que era de cinquenta minutos. Quando me entregaram o que pedi avisei que continuaríamos o conteúdo sondado na aula seguinte.

No terceiro horário me dirigi à sala do 2º ano, lá o tema tratado foi “Açúcar e escravidão na colônia portuguesa”. Consegui trabalhar todo o conteúdo, parti da origem da cana-de-açúcar, do seu cultivo, produção do açúcar, do valor que tinha e que somente os nobres podiam obtê-lo por ser especiaria de luxo, depois passamos para a produção em fazendas monocultoras e chegamos ao trabalho escravo feito inicialmente pelos índios e posteriormente pelos negros nos engenhos de cana-de-açúcar. No decorrer da aula os alunos se mostraram muito interessados, eu sobre todos os pontos que colocava indagava algo, por exemplo, quando citei o cotidiano dos escravos perguntei se eles tinham noção de como realmente os escravos viviam e avidamente me responderam que

os negros eram castigados, moravam em senzalas nos engenhos em condições subumanas e falaram até dos castigos que sofriam. Fazendo ponte com o tempo presente indagamos para o uso da cana-de-açúcar, seus derivados e importância para a economia. Essa turma é o sonho de consumo de qualquer professor, é dinâmica, comunicativa e leva a sério o trabalho docente. A aula foi tão boa que consegui fechar o conteúdo e nem deu tempo de fazer atividade.

Chegado o quarto e quinto horários me dirigi à sala do 3º ano, na qual a temática proposta se embasou no “Brasil no século XX”. O tema praticamente girava em torno da economia da época, o café, a borracha, o látex. Falamos de quanto o Brasil ganhava, da modernização, da indústria que atraía imigrantes, das empresas automobilísticas que se estabeleceram nos pólos industriais. Com relação à turma, esta também é maravilhosa, só não participa muito das discussões, mas perguntam quando tem dúvidas. Quanto às fábricas eles próprios expõem suas idéias acerca do ambiente fabril, as más condições de trabalho e a exploração de mulheres e crianças. Também citaram fábricas guarabirenses que de maneira direta ou indireta exploram os assalariados. Diante das explicações se mostraram indignados com as desigualdades sociais que se apresentara, onde quem detinha o capital tinha o “direito” de fazer o que bem entendia com seus empregados. Com o horário batido não terminamos o conteúdo que ficou para a próxima aula.

O segundo dia de estágio foi a quarta-feira. Tive aula com o 3º ano no segundo horário e aula com o 1º ano nos últimos horários. Com o 3º ano continuei o conteúdo anterior agora citando a discriminação sofrida pelos negros numa sociedade excludente. Falei da tentativa de embranquecimento, semelhante ao hitlerismo, da origem do racismo, da pretensão de criar uma sociedade a moldes europeus, “civilizada”, na qual interei o que seria uma sociedade civilizada e se os europeus seriam um modelo inspirador correto para a ascensão de uma nova sociedade. Pensativos, responderam que esse era um desejo da elite e que não se aplicava às demais camadas sociais. Continuando, falei do discurso científico existente no século XX que afirmava que a miscigenação fazia do povo brasileiro atrasado, o que não é verdade; dos grandes avanços científicos e tecnológicos, bem como da revolta da vacina no Rio de Janeiro, a qual os discentes ficaram curiosos em saber as causas e os responsáveis pelo movimento. E assim concluímos o assunto com uma questão sobre a discussão em sala. Os alunos produziram um texto opinativo.

No 1º ano de continuação à temática África, parti das respostas deles quebrando primeiramente a idéia de que o continente africano é um país; introduzi com os grandes reinos; expliquei a expressão “berço das civilizações”, abstrai o que eles entendiam por; as línguas, culinária, religiões, misticismo religioso, riquezas, pobreza, como o continente é visto pela mídia e o preconceito vivido pelos afro-descendentes, de onde surgiu. Bastante inquieta a turma se revelou muito interessada pela temática, perguntavam e argumentavam a todo instante, mas ainda se fazia necessário chamar atenção deles porque falavam todos de uma só vez. E para tornar a aula mais interessante levei um videoclipe chamado *Negro Rei, de Cidade Negra*,⁴ que fazia menção à África como mãe, mostrando a desnutrição, cultura, povo misto, os presidentes africanos, religiosidade etc. O clipe emocionou-os de uma forma profunda e após seu término perguntei o que tinham entendido, todos falaram, para minha surpresa. Uma coisa muito interessante que marcou essa aula foi que ao falarmos dos países que ajudaram a África do Sul fazendo campanha contra a fome, uma aluna específica me perguntou: professora eles comem feijão? A respondi afirmando que possivelmente com as doações poderiam sim comer feijão. Fiquei bem feliz porque eu havia despertado a curiosidade de coisas simples, mas muito valiosas para o aprendizado dos alunos. Posteriormente exibi um pequeno documentário enfatizando a questão de identidade.⁵ Num programa de televisão estrangeiro, demonstrativamente, fora posto na frente de crianças negras e brancas, bonecas. Perguntara-se às crianças quais bonecas eram agradáveis, bonitas e feias, rapidamente as duas responderam que a boneca branca era bonita e agradável, enquanto a boneca negra era feia e má. Numa dessas perguntas o apresentador indagou à criança negra qual delas parece com você e ela aponta para a boneca negra desconfiada. Vendo este documentário, outra vez os discentes se mostraram incomodados. E com relação à cena eu indaguei, porque isso acontece? Falaram que talvez fosse uma questão de não identificação de sua própria cor, que vem de família, da criação ou até mesmo da falta de conhecimento, informações que supram determinadas necessidades. E dessa forma tocou o horário justo quando ia passar uma atividade, ditei para um deles a fim de que repassasse para os colegas, me entregariam na semana seguinte, mas apenas uma pessoa entregou. Sei que mesmo sem a entrega do

⁴ Referência. Música de Cidade Negra que fala da África como berço das civilizações, do continente como mãe, dos sofrimentos e alegrias que acometem os africanos. (Legenda do avi - 05:34 min.).

⁵ Referência. Tomada de consciência da sua própria personalidade.

trabalho o conteúdo foi significativo para o processo de ensino-aprendizagem. Sai da sala de aula com o dever cumprido porque fiz o que me propus a fazer.

No terceiro dia de estágio tive duas aulas no 2º ano, os dois primeiros horários e uma no 3º ano, no quinto horário. Com o 2º ano enfatizei “O avanço da colonização”, agora o foco era realmente o avanço da colonização, por onde os portugueses seguiram desbravando o Brasil, quais lugares percorreram e em busca de que.⁶ Fez-se imprescindível mencionar as alianças que os portugueses fizeram com indígenas para tentar proteger a colônia da invasão francesa, a todo custo queriam manter seu território livres de invasores; os conflitos, a economia que crescia no período que era a pecuária e a plantação de tabaco em menor escala que tornara o fumo uma moeda de troca no século XVII para comercializar escravos. A turma não diferentemente da aula anterior, participou da aula mais calmamente e produziram um mini texto dando seu parecer sobre o assunto. Elaboraram e me entregaram. As respostas foram significativas e corresponderam às minhas expectativas.

Na turma de 3º ano introduzi “A república dos cafeicultores”, abordei a constituição de 1988, nossa constituição brasileira; quem podia ou não votar, o voto de cabresto, que acontece hoje de forma semelhante a antigamente; onde se concentrava o poder na primeira república, nas mãos das elites oligárquicas; a política do café-com-leite onde os próprios discentes falaram como funcionava; a ascensão da burguesia industrial; a chegada de Getúlio Vargas ao poder; o clientelismo.⁷

Por serem da última série do ensino médio eles apresentaram um melhor entendimento acerca do tema conseguindo identificar no passado aspectos históricos que perduram e refletem nos dias atuais. Como nas turmas anteriores pedi que elaborassem um pequeno texto com base no que foi dito para que entregassem a mim e assim o foi. Me despedi, como estagiária, e agradei não somente essa turma, mas a todas com as quais trabalhei, pelo respeito, nem sempre dado por todos, porque alguns alunos me cantavam, pelo carinho e elogios, alguns até me chamavam de “professora Helena”. Com isso as três turmas pareciam ser minhas, talvez por causa do contato que

⁶Referência. Trata-se da tomada de novas terras, estas também do Nordeste, da expulsão dos franceses de territórios considerados dos portugueses, da presença e participação indígena nesse processo de conquista, de sua resistência e trabalho, bem como a chegada de novas economias, em destaque, a pecuária e o fumo, cultivado nas fazendas dos colonizadores.

⁷Referência. Consistia na prática eleitoreira de privilegiar um grupo de indivíduos em troca de seus votos.

tinha tido através do PIBID. Não sei explicar o que sinto só sei que estou maravilhada com tudo que vivi, não sou hipócrita em dizer que não senti medo de errar, que não senti insegurança, mas tudo isso pode ser vencido, eu sou a prova viva disso, de que é possível sim ser feliz no período de estágio, tem que ser feliz porque se você não o é enquanto tal, que tipo de profissional está sendo formado, pois não é só o profissional que vai ser aprimorado, mas também o pessoal. Partindo disto afirmo que o estágio é um “ensaio para a docência”, é onde nos encontramos ou não professores. Pensando nisso a hora é agora, todos somos capazes de nos superar cada vez mais e vencer limitações que as vezes nós nos impomos. Enfim acabou-se o estágio, uma vivência esplêndida cheia de soberania que só sabe quem vive e sente na pele as sensações mais inusitadas!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo menção ao ensino de História, Circe Bittencourt em seu livro *Ensino de História: fundamentos e métodos*, faz uma análise da disciplina escolar de modo geral e da história, como também dos componentes das disciplinas, o papel do professor e as aproximações e distanciamentos da escola com o conhecimento acadêmico. Notadamente podemos perceber no seu discurso uma postura reflexiva sobre a academia e as escolas normais. Para tanto a historiadora aborda questões referentes que aportam teoricamente a formação do profissional, cabendo ainda uma ênfase maior na questão das mudanças e aproximações no ensino de História como aponta Fonseca:

"As mudanças operadas no ensino de história nas últimas décadas do século XX ocorreram articuladas às transformações sociais, políticas e educacionais de uma forma mais ampla, bem como àquelas ocorridas no interior dos espaços acadêmicos, escolas e na indústria cultural [...] discutir o ensino de história, hoje, é pensar os processos formativos que se desenvolvem nos diversos espaços, é pensar fontes e formas de educar cidadãos, numa sociedade complexa marcada por diferenças e desigualdades" (FONSECA, 2008, p. 15).

E foi a partir dessa referência que o meu trabalho estruturou-se. Para mim o processo de desenvolvimento do estágio é imensuravelmente significativo, pois sem ele acredito ser impossível o ensaio para a prática docente, é um exercício imprescindível à formação do professor. Tudo que enseja e viabiliza a docência tem um valor e esse valor forma profissionais capacitados através das experiências vividas, não só do estágio em si, mas também de atividades que proporcionem aprendizado, seja por meio de textos teóricos, aulas expositivas, aula-oficinas e muito mais. Pequenos pontos que vão se interligando e dando origem ao professor, capaz de ensinar e aprender ao mesmo tempo, porque lecionar é isso dar e receber, uma troca que gera conhecimentos, estes que são mútuos e permanentes e que levamos para vida toda. Então a construção do professor dar-se-á pela capacidade de permeabilidade de âmbitos que se unem numa perspectiva de ampliação de conhecimentos, sensações, experimentações e ações que levam o indivíduo a uma categoria elevada a de ser realmente “professor”. Desse modo o

professor é uma construção essa que se dá partir de todas as vivências, experiências boas e ruins.

Eu, por exemplo, enfrentei muitas dificuldades desde a minha infância, ao estudar e para estudar. Aquela menina tímida, cheia de medo de falar em público, cheia de inseguranças com medo de errar, sem confiança em si mesma já não existe mais. Posso dizer que a pessoa que existe hoje aprendeu bem as lições que a vida dá. Todos esses temores foram deixados para trás por meio do aprendizado, este acometido pela vivência cotidiana não só academicamente falando, mas em todos os âmbitos. Para mim as situações que o ser humano passa ao longo da vida são singulares, nós temos a capacidade de nos adaptar a qualquer situação que nos é imposta. Ora, tanto o homem quanto o professor fazem parte de um constructo histórico onde os conhecimentos vão se dando de forma simultânea. Eu sou uma construção histórica insubstituível originada da dor, da cobrança, das lutas, incertezas, medos, inseguranças, superações, esperanças e sonhos. Na minha vida passei, vivi e estou vivendo algumas dessas etapas, mas o que trago comigo mais latente é o desejo de seguir em frente, enquanto existirem os sonhos estarei viva porque os sonhos que tenho me movem, me levam a caminhar e a vencer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Introdução. In: **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999, 19-37.

AZEVEDO, Gislane Campos & SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento: Dos primeiros humanos ao Estado moderno**. São Paulo: Volume 1. Ática, 2010. (Capítulos 1 e 19).

AZEVEDO, Gislane Campos & SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento: O mundo moderno e a sociedade contemporânea**. São Paulo: Volume 2. Ática, 2010. (Capítulos 8 e 9).

AZEVEDO, Gislane Campos & SERIACOPI, Reinaldo. **História em Movimento: Do século XIX aos dias de hoje**. São Paulo: Volume 3. Ática, 2010. (Capítulos 11 e 12).

CAIMI, Flávia Eloisa. “**Por que os alunos não aprendem História?** Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História”. Disponível em <http://www.scielo.br>

BITENCOURT, Circe Maria F. Ensino de História – Fundamentos e Métodos. São Paulo. Ed Cortez, 2004. Pág 33-55.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos Professores. **Estudos Avançados**, São Paulo: v. 15, n. 42, p.259-268, maio/ago.,2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31ª Ed, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima. **Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Brasília: Liber Livro, 2009. Série Formar.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Planejamento/2ª Parte “**O Planejamento como Métodos da Práxis Pedagógica**” Re-significando a Prática do Planejamento.

Músicas:

Porta do Sol (Renata Arruda);

Farinha do mesmo saco (Engenheiros do Havaí).

Negro Rei (Cidade Negra).